

PANEM NOSTRUM COTIDIANUM DA NOBIS HODIE

Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira¹

1. INTRODUÇÃO

Numa perspectiva de análise do discurso, pretendemos, neste trabalho de pesquisa, analisar os vários sentidos que a palavra “pão” adquire em distintos contextos; pretendemos, ainda, estabelecer certas relações entre polissemia e cultura. Para tanto, partiremos da súplica: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”, constante na oração conhecida e recitada por toda a cristandade: o “Pai Nosso”. Citaremos, também, outros trechos da Sagrada Escritura, buscando observar de que modo a cultura cristã apresenta o pão como alimento cotidiano para o “corpo” e, ao mesmo tempo, alimento para a “alma”. Assim, acreditamos estar tentando pelo menos uma resposta ao questionamento da VI Semana de Mobilização Científica - SEMOC: **Fome de quê?**

2. O PÃO: BREVE HISTÓRICO

Por que desde os primórdios se fala de “Pão” como alimento?

“Pão”, alimento cotidiano e universal, palavra cuja raiz etimológica está no latim *panis, -is, terceira declinação* (FERREIRA, 1998), e consta nos dicionários, entre os quais Michaelis (2002), com a primeira acepção de: “[...] alimento feito de farinha de trigo, amassado e cozido no forno”.

Sendo o Egito a nação da Antiguidade que começou a cultivar o trigo, corresponde-lhe, também, o invento da transformação do cereal em pão. Há, aproximadamente, cinco mil anos antes da era cristã, cozia-se um bolo (pão?) em forma de tortas redondas e achatadas, mas ainda, ázimo, ou seja, sem levedura. Inicialmente tais bolos eram assados sobre cinzas ou pedras quentes, depois passou-se a utilizar fornos de barro. Contam os historiadores, e o dicionário enciclopédico Solar (1960?) registra, que, durante os funerais de Queops, no ano de 5000 antes de Cristo, na grande pirâmide, um padeiro deixou, inadvertidamente, uma massa desses bolos exposta ao ar; sobre ela caíram micro-organismos vegetais que provocaram a sua fermentação. Quando o padeiro a colocou para assar, em vez das tortas chatas, que se produzia até então, tirou, do forno, esponjosas tortas de tamanho menor e cheias de minúsculas bolsas de ar. Acabava de ser descoberto o pão fermentado ou o pão com levedura que hoje normalmente conhecemos.

Foram os gregos que levaram o pão para a Europa. No Império Romano, o pão era feito em casa pelas mulheres. Posteriormente, o pão começou a ser fabricado em padarias públicas. Com a queda do Império Romano e da organização por ele imposta ao mundo, as padarias européias desapareceram e o pão voltou a ser fabricado sem fermento (ázimo), e achatado, pela comodidade do fabrico. Embora existissem fornos e moinhos, o sistema feudal permitia seus usos somente para consumo próprio. Apenas os conventos e os castelos tinham padarias. Com a invenção de novos processos de moagem da farinha, a indústria da panificação se desenvolveu. Evoluiu mais ainda com a invenção dos cilindros em 1881. Para o antropólogo e sociólogo Gilberto Freire (1987, *apud* www. apib.org.br) o Brasil só conheceu o pão no século XIX. Antes do pão, o que se usava era o beiju de tapioca, a farofa e o pirão escaldado.

Julien (1993) afirma que o pão é símbolo da evolução cultural e psíquica, em razão ao longo processo que implica a sua fabricação, e dos esforços que cada etapa requer, representando um estágio de criação: semear, molhar, crescer, colher, moer, peneirar, amassar, assar no forno e dividir na mesa familiar.

¹ Professora do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal, membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD/UCSal.

Apesar da evolução da indústria do pão, os pães ázimos eram obrigatoriamente consumidos na época da páscoa dos judeus: (BIBLIA SAGRADA, 1976)

“Vendo que isso agradava aos judeus, mandou também prender Pedro. Eram então os dias dos pães ázimos”.

“Comer-se-á a carne naquela noite; comer-se-á assada no fogo com pães ázimos e ervas amargas”.(At. 12- 3 e 8)

E, ainda no versículo 15:

“Durante sete dias comereis pães ázimos. No primeiro dia, fareis desaparecer o fermento das vossas casas, pois todo aquele que comer pão fermentado, do primeiro ao sétimo dia, será eliminado de Israel”. (At. 12-15)

Os pães ázimos, cuja origem está, como já dissemos, no antigo bolo fabricado no Egito, significam as tribulações dos Israelitas, mas, sobretudo, que deviam romper com as idéias e os costumes egípcios. Daí, a Páscoa era sempre celebrada com pão ázimo; além disso, o pão ázimo, diz São Martinho, (*apud* CHEVALIER e GHEERBRANT, 2001) representa, ao mesmo tempo, a aflição da privação; a preparação para a purificação e a memória das origens, enquanto o fermento, princípio ativo da panificação, era visto como o símbolo da transformação espiritual. Do mesmo modo também na ceia de Cristo, como se pode ler em Mateus, 26-17 (BIBLIA SAGRADA, 1976).

“No primeiro dia dos ázimos, aproximaram-se de Jesus os discípulos, dizendo: onde queres que te preparemos a Páscoa?”.(Mt. 26-12).

Hoje, o pão floresce nas padarias de vários tipos e espécies cada vez mais sofisticadas: o pão de sal, de açúcar, de queijo, de milho, de leite, de rosca, de Natal, e outros tantos a partir da imaginação de cada padeiro: e tomam também variados nomes a depender da região e do costume local: pão francês, vara, baguette, bisnaga, cacetinho, pão fatia e até pão Jorge, para o pão de leite. Na cozinha árabe fabrica-se até hoje o pão sem levedura, conhecido em nossas padarias como “pão sírio”.

3. O PÃO: PALAVRA POLISSÊMICA

Os sabores, porém, não nos importam aqui.

Sabendo pela definição de Câmara Jr. (2000) que “[...] a polissemia é a propriedade de significação lingüística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de um contexto”, importa-nos observar a polissemia que este monossílabo terminou adquirindo ao longo das gerações. De “[...] alimento feito de farinha, especialmente de trigo, amassado e cozido no forno [...]”, o pão, por semelhança de família, passa a ser o protótipo de todo e qualquer alimento, o sustento, os meios de subsistência, o “pão nosso cotidiano”, o alimento cotidiano essencial, fundamental ao homem, incentivando ditos populares como:

“Nem só de Pão vive o homem”.

“Quem dá o Pão dá o ensino”.

Ao abrirmos a Sagrada Escritura no Evangelho de Mateus, capítulo 6, versículos 9 a 13, encontraremos a oração que o próprio Senhor aconselha a toda a cristandade, hoje conhecida por suas primeiras palavras: *Pai Nosso*. O versículo 11 é exatamente a súplica com a qual intitula esta comunicação: “*Panem nostrum cotidianum da nobis hodie*” – ‘O pão nosso de cada dia nos dai hoje’.

Se remontarmos ao Antigo Testamento em Êxodo 16-4 e 12, leremos:

“O Senhor disse a Moisés: Eis que vou chover para vós pães do céu” (Ex. 16-4)
“Eu ouvi as murmurações dos filhos de Israel: dize-lhes, pois: à tarde comereis carne e pela manhã sereis saciados de pães”. (Ex. 16-12)

Indo mais adiante, ao Evangelho de Mateus 14-18, 21, leremos a história da primeira multiplicação dos pães e dos peixes:

“E, depois de ordenar à multidão que se sentasse na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão. Todos comeram e ficaram saciados” (Mt. 14-18,21).

Nesses trechos, percebemos a preocupação constante de saciar a fome da multidão; o pão é tomado, pois, no seu sentido original. Observe-se que o “Senhor” operou milagres, fazendo o maná cair dos céus e multiplicando os pães. Esses milagres serviram para garantir a integridade física dos seus seguidores, mas, também, para mostrar que, seguindo-o estariam sempre alimentados. Há, portanto, neste pão, o subtendido de que Deus é o alimento que sacia e que nunca se acaba. Mas o pão adquire, também, outros sentidos. Nos anos sessenta “pão” era qualquer homem bonito e elegante; o sovina passou a ser chamado de “**pão duro**”.

O Pão passou ainda a compor ditos populares e provérbios nos quais ele tomava acepções completamente fora do seu sentido original:

“Amassar o **pão** com o suor do rosto”, ou seja “ganhar a vida a custo do trabalho”.
“Comer o **Pão** que o diabo amassou”. Que significa comer pouco e mal ou, ainda, sofrer qualquer tipo de dificuldade, ainda **que não envolva a alimentação**.
“Não merecer o **Pão** que come”. O que indica ser indigno de proteção que recebe ou, ainda, ser inútil, preguiçoso.
“**Pão, pão**; queijo, queijo”, ou seja, sem rodeios, com franqueza.
“Rente como **Pão** quente” que é igual a “com toda a rapidez e diligência”.
“Tratar a **Pão** e água”, isto é, tratar com o maior rigor.
“Na casa que não tem **Pão**, todos gritam e ninguém tem razão”. (*ração*).
“Nem mesa sem **Pão**, nem exército sem capitão”.

O Pão com dois pedaços, que significa negócio vantajoso.

(AULETE, 1964 s.v. *Pão*).

Os lingüistas, a exemplo de Orlandi (1996), estabelecem, às vezes, uma correlação entre o desenvolvimento de uma cultura e o enriquecimento polissêmico de uma unidade.

Ligado à cultura cristã desde a páscoa dos hebreus, na qual era costume comer-se, obrigatoriamente, pães ázimos, o pão, além de ser o alimento principal da ceia, passa a representar, também, o corpo de Cristo, imolado como vítima (hóstia) para a salvação da humanidade. Assim, na crença cristã católica, pelas mãos do sacerdote, a hóstia (pão feito de trigo e água), transforma-se no próprio Corpo de Cristo.

Segundo os Evangelhos, antes de ser preso, Jesus se reuniu com seus doze apóstolos para celebrar a ceia pascal; Jesus instituiu a Eucaristia no decorrer de uma refeição de despedida e, à luz da fé pascoal, é este ato que substitui o antigo rito judaico, como se pode ler em Mateus:

“Chegada a tarde, pôs-se Jesus à mesa com os doze”.(Mt. 26-20).
“Enquanto comiam, Jesus tomou o Pão, disse a bênção, partiu-o e deu-o a seus discípulos, dizendo: tomai e comei, isto é o meu corpo”. (Mt. 26-26).

Pediu, ainda, Jesus que aquele ritual fosse repetido em sua lembrança e acrescentou que ali estava a celebração de uma nova aliança entre o divino e o humano. Portanto, na missa, pela fé, o

Pão se transforma no corpo do Cristo. Reconhecer no “Pão” a imagem do Cristo imolado ou o filho de “Deus” que se oferece como alimento eterno é um sinal que identifica o Cristianismo.

A Eucaristia nos lembra a importância de repartir. Tem o simbolismo da comunhão que deve existir entre os homens. A hóstia, pão feito de trigo e água, oferecido no ritual católico na Eucaristia, na verdade significa a vítima, ou seja, o Cristo, o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. (*Agnus Dei qui tolis peccata a mundi*).

Destarte, se à pergunta feita nesta VI SEMOC: “você tem **fome de quê?**”, respondêssemos: de Pão, não seria uma resposta simples, porque Pão não é uma simples palavra, mas um monossílabo polissêmico, que envolve muitos sentidos a depender do contexto cultural, social e religioso, pois sabemos que o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas é determinado por posições ideológicas no processo sócio-histórico.

Dessas acepções podemos colocar pelo menos quatro:

- a) Fome de pão: **pão**, todo e qualquer **alimento** necessário à vida: o pão nosso de cada dia.
- b) Fome de **pão**: o **pão** do espírito, ou seja, o saber, a **instrução**.
- c) Fome de **pão**: o **pão** celeste, espiritual, que representa a nossa religiosidade e alimento **para a alma**.
- d) Fome de pão: o **pão** da **comunhão**, simbolizando a nossa necessidade de repartir.

Esses quatro sentidos enumerados não têm, porém, uma hierarquia; estão colocados lado a lado como condição *sine qua non* para o verdadeiro exercício da cidadania. Isso quer significar que o homem, para sentir-se realmente alimentado, precisaria do alimento que sustenta o corpo, do alimento do saber, do alimento da alma e, ainda, do alimento da convivência pacífica e solidária com os irmãos. Aliás, a esse respeito, li, recentemente, no jornal da UCSAL (2003, p.7) uma declaração da nossa Vice-Reitora para assuntos comunitários e coordenadora geral da SEMOC, professora Maria Julieta Fontes (já consagrada e conhecida por toda a comunidade acadêmica como “Juju”), que transcrevo a seguir: Porque a fome não é somente de alimento, mas também de solidariedade, educação, cidadania, justiça, trabalho e esperança”.

Somente atendendo, no mínimo, aos quatro sentidos do “Pão” arrolados acima, poderemos pensar no verdadeiro sentido da súplica: “**Panem nostrum cotidianum da nobis hodie**” (‘o Pão nosso de cada dia nos dai hoje’). E então, e só então, chegarmos ao patamar que todos almejam: **Fome Zero**.

3. REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2. ed. brasileira. Revista, atualizada e aumentada por Hamilton Garcia. Rio de Janeiro: DELTA, 1964.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da vulgata por Pe. Matos Soares. 33. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

CÂMARA Jr. J Mattoso. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

FERREIRA, Antonio Gomes. **Dicionário de latim-português**. Porto-Portugal: Porto, 1998.

GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO SOLAR. Direção editorial: Candido Alberto Ferreira da Ponte. Rio de Janeiro: Solar (1960?).

HISTÓRIA DO PÃO. (O pão no Brasil). Disponível em: [www.abip.org.br / . htm](http://www.abip.org.br/).

JULIEN, Nadia. **Dicionário dos símbolos**. São Paulo: Rideel, 1993.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 1996.

UCSAL EM NOTÍCIAS. Ano 1, 1, Salvador: Universidade Católica do Salvador, set. 2003.